

Dois colaboradores na fundação do Cemoroc: María de la Concepción Piñero Valverde e Pedro Garcez Ghirardi

Aida R. Hanania¹

Resumo: Por ocasião desta celebração do 25º aniversário (em 2022) e do No. 300 das revistas universitárias do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (Edf-Feusp), alojadas em www.hottopos.com, a Editora pediu a seus editores um artigo de retrospectiva dos principais temas em nossas revistas. Neste artigo revisito as contribuições dos colegas María de la Concepción Piñero e Pedro G. Ghirardi.

Palavras Chave: Revistas Cemoroc. María de la Concepción Piñero Valverde. Pedro Garcez Ghirardi.

Abstract: To celebrate this 25th anniversary of Cemoroc's journals (in 2022), the publisher has asked editors to write an article summarizing the main themes in our journals. In this article, I revisit the contributions of two outstanding scholars: Concha Piñero and Pedro G. Ghirardi.

Keywords: Cemoroc Journals. María de la Concepción Piñero Valverde. Pedro Garcez Ghirardi.

Introdução

Nestas edições comemorativas dos 25 anos de nossas revistas, não poderia faltar a recordação de dois importantes colegas que tanto colaboraram conosco desde a fundação do Centro e de suas revistas: os professores titulares, hoje aposentados, do DLM da FFLCHUSP: María de la Concepción Piñero Valverde. E Pedro Garcez Ghirardi, respectivamente das áreas de Língua e Literatura Espanhola e Italiana.



Concha e ARH em recente evento do Cemoroc

¹. Professora Titular FFLCHUSP. Diretora de Relações Internacionais do Cemoroc.

Para um apanhado de suas contribuições nos primeiros vinte anos de nossas revistas, veja-se os artigos que publicaram em nossa edição comemorativa de nosso aniversário de 20 anos (“International Studies on Law and Education” 25/26jan-ago 1997):

María de la Concepción Piñero Valverde “Releituras e recordações: vinte anos de nossas revistas” <http://www.hottopos.com/isle25/99-102Concha.pdf>

Pedro Garcez Ghirardi “Vinte anos depois: festejos e reavaliações” <http://www.hottopos.com/isle25/103-106PedroGGf.pdf>

Além de seus artigos que tanto contribuíram para o prestígio de nossas revistas, agradecemos também suas participações em nossos eventos, já desde nossos 2 primeiros Seminários Internacionais (2001 e 2002), com memoráveis conferências sobre Santa Teresa de Jesus (Concha) e São Francisco de Assis (Pedro).

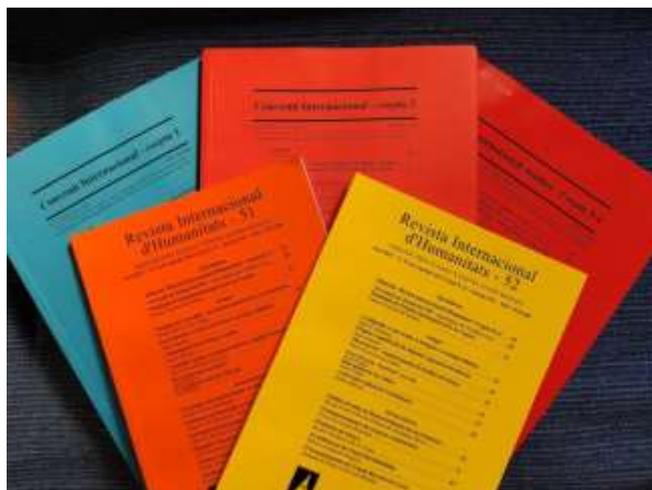


No II Seminário Internacional Cemoroc (2002): Gilda Barros, A. J. Severino, Alfonso López Quintás, J. Lauand, Concha Piñero, A. L. F. Lacerda, S. Brandão, G. Perissé, Pedro Garcez Ghirardi.

Recentemente, em nosso Projeto *Coepa*, no qual incentivamos as pesquisas de jovens autores do Ensino Médio, selecionando trabalhos para publicar em nossas revistas – ao lado de artigos de experientes doutores – como editora incluí estudos de Pedro e Concha, que consideramos particularmente importantes, clássicos, para a formação desses pesquisadores iniciantes:

Pedro Garcez Ghirardi “São Francisco de Assis e o Cântico das Criaturas” <http://www.hottopos.com/convenit30/51-58PedroCantico.pdf>

María de la Concepción Piñero Valverde “Aproximação à Obra Literária de Teresa de Jesus” http://www.hottopos.com/isle34_35/29-38Concha.pdf



Revistas *Coepta*

Pedro Garcez Ghirardi “São Francisco de Assis e o Cântico das Criaturas”
<http://www.hottopos.com/convenit30/51-58PedroCantico.pdf>

María de la Concepción Piñero Valverde “Aproximação à Obra Literária de Teresa de Jesus”
http://www.hottopos.com/isle34_35/29-38Concha.pdf

Concluo essa nota, recolhendo trechos dos citados artigos de memórias de Concha e Pedro (respectivamente), nas “selfies” que, então, lhes encomendamos:

María de la Concepción Piñero Valverde
“Releituras e recordações: vinte anos de nossas revistas”

(...) A variedade do colorido das capas de nossas revistas parece combinar com a variedade de temas de que tenho tratado, quase sempre seguindo as grandes linhas que nortearam minha pesquisa acadêmica - estudo da literatura espanhola medieval e renascentista e relações culturais hispano-brasileiras. Relendo ao acaso alguns números, para melhor recordar os temas, noto que os textos estão escritos ora em espanhol, ora em português, as duas línguas principalmente dialogantes, neste caso. Noto que não faltou mesmo, desde cedo, a tímida tentativa de propor aos leitores de nossas revistas alguns subsídios para a futura tradução brasileira de uma obra-prima da Idade Média castelhana, o *Poema de Mio Cid*². A esta obra, aliás, já se havia dedicado minha tese de doutoramento, da qual surgiria, anos mais tarde, livro publicado pelo CemOrOc³.

² “O *Poema de Mio Cid*: subsídios para uma tradução brasileira”, *Notandum*, Ano II, Nº 3, jan.-jun., 1999, p. 65-78.

³ *Poesia e fronteira no “Poema de Mio Cid”*, São Paulo, CemOrOc/EDF-FEUSP e Factash Editora, 2010.

Continuando a folhear nossas revistas, percebo que o diálogo entre duas línguas irmãs e suas culturas tornou-se para mim ainda mais concreto graças a uma figura de viajante e de escritor que tão bem as representa. Mais de uma vez me deparo, nos textos destes anos, com o nome de Juan Valera. É sabido que, muito antes de se tornar um dos mais notáveis romancistas espanhóis do século XIX, Valera esteve no Brasil, como secretário da Legação Espanhola, nos primeiros anos do governo pessoal de Pedro II. Ao evocar sua vida e obra em tese de livre-docência⁴, denominei “pioneiro” seu encontro com nosso país. Pioneiro e talvez ainda não devidamente reconhecido, se levamos em conta que a ele se deve um dos primeiros, senão o primeiro absolutamente, dentre os estudos panorâmicos da nascente literatura brasileira. Foi o amigo Lauand quem me deu ocasião de trazer o tema às nossas publicações, graças à entrevista por ele organizada⁵. Nessa entrevista dizia eu que o trabalho análogo de Fernand Denis, justamente considerado precursor, trata, sim, da literatura do Brasil, mas a classifica ainda como apêndice das letras portuguesas. Valera, porém, “escribió un ensayo dedicado, exclusivamente, a la poesía brasileña”. Neste ensaio do escritor espanhol, *De la poesía del Brasil*, que tive o prazer de traduzir⁶, não só se repassa a formação de nossa poesia, dos tempos coloniais aos românticos, mas se antecipam tendências da crítica mais recente, ao captar, por exemplo, a promissora riqueza da contribuição que as tradições indígenas e africanas seriam no futuro chamadas a prestar às letras brasileiras. Mais de uma vez, em nossas revistas, redescubro momentos desse “encontro pioneiro”, registrado no magnífico epistolário de Valera (hoje considerado dos mais importantes da literatura espanhola). A correspondência que o então jovem diplomata enviou do Rio de Janeiro ao amigo e também escritor Estébanez Calderón sabe traçar, com fino humorismo, retratos inesquecíveis da vida carioca na década de 1850. São cartas que convidam a passear pela capital do Império, como procurei recordar em páginas de nossas revistas⁷. Durante o percurso, veem-se circular pelas ruas e salões do Rio imperial figuras humanas conhecidas e anônimas, brasileiras e estrangeiras, que então gravitavam em torno da corte do jovem Pedro II. Uma delas era o hoje desconhecido Antonio Deodoro de Pascual. Sob o pseudônimo de Adadus Calpe (“nombre misterioso y sacramental”, comentava ironicamente Valera), esse espanhol adquiriu prestígio, como alguém dotado de “magnetismo”, dizia ele próprio, ou de poderes parapsicológicos, como talvez dissessem hoje⁸. O epistolário de Valera, por outro lado, assinala um dos momentos iniciais de sua reflexão sobre as raízes comuns dos povos ibero-americanos. A certa altura, por exemplo, medita sobre sua vizinhança com a poderosa República do Norte. Olhando para os céus do Rio, o jovem diplomata pressentia que “el Aguila de la Unión [norteamericana] ha de tener su

⁴ María de la Concepción Piñero Valverde, “Don Juan Valera y Brasil: Un encuentro pionero”, tese de livre-docência USP, 1993), depois publicada com o mesmo título (Sevilla, Qüásyeditorial, 1995).

⁵ “Entrevista a María de la Concepción Piñero Valverde”, *Revista Internacional d'Humanitats*, Nº 2, 1999, p. 19-22. <http://www.hottopos.com/rih2pII/valera.htm>

⁶ Juan Valera, *A poesia do Brasil* (edição bilingue), Embajada de España e La Factoría de Ediciones, 1996.

⁷ “Cenas da Vida Carioca nas Cartas de Juan Valera”, *Mirandum*, Ano II, Nº 6, set.-dez., 1998, p. 85-90.

⁸ “Un mago español en el Brasil imperial”, *Notandum*, Ano I, Nº 2, jul.-dez., 1998, p. 73-80.

vuelo por todo este hemisferio”. Mais tarde, no fim da vida, Valera recriaria o Brasil em que vivera ao escrever o romance *Genio y figura*. De aspectos de sua reflexão iberista, à qual aludi na entrevista já lembrada, trataram ainda outras páginas de nossas revistas⁹.

Ainda que não explicitamente citado, a figura do futuro romancista espanhol atento à literatura brasileira provavelmente me incentivou a me aproximar dos lugares de diálogo entre escritores de ambos os países. Dessa aproximação nasceu pequeno estudo, acolhido em nossas revistas, sobre as marcas quixotescas de *Quincas Borba*¹⁰. O estudo, depois reunido a outros e publicado como livro¹¹, teve a honra de ser consultado pelo autor, prematuramente falecido, de uma das mais recentes biografias de Machado de Assis¹². Como testemunhas de meu esforço de aproximação aos escritores brasileiros releio também algumas anotações sobre Ariano Suassuna, admirador, como se sabe, dos clássicos de língua espanhola. Entre esses textos estão dois trabalhos, que depois de publicados em nossas revistas voltaram a aparecer em suas páginas, por ocasião do falecimento de Suassuna. Um desses trabalhos se voltava para a herança ibérica no *Romance da Pedra do Reino*¹³; outro propunha possíveis analogias entre o *Auto da Compadecida* e autores medievais como Gonzalo de Berceo¹⁴.

No diálogo entre nossos países, Valera pode também ser lembrado por intuições precursoras que vão além do campo literário e se estendem à música, por exemplo, ou a manifestações culturais como a “capoeira”. Animada talvez por seus passos, saindo do campo da literatura para o das artes plásticas e dirigindo-se desta vez ao leitor de língua espanhola, reencontro um artigo diferente entre os demais que ofereci às nossas revistas. Nele se rememoravam algumas das expressões mais características de nossa escultura popular: as chamadas “paulistinhas”, aqui tão conhecidas. Rer o que ficou escrito há quase quinze anos foi ocasião de uma pequena e agradável surpresa. Não me lembrava de que o artigo fazia ligeira referência à imagem de Aparecida, ao dizer “que presenta afinidades con las paulistinhas, aunque habitualmente no esté clasificada entre ellas”¹⁵. Os festejos do CemOrOc assim parecem convidar a pensar nas iminentes celebrações do terceiro centenário da imagem descoberta no rio Paraíba.

Ao folhear nossas revistas, observo também a frequência de páginas ligadas a pesquisas que fiz sobre o Renascimento espanhol, mais especificamente, sobre a obra literária dos grandes místicos. Mesmo aqui creio estar ao menos implícito o diálogo com a cultura brasileira. Basta pensar na atenção que esses místicos têm despertado entre

⁹ “Notas sobre o Brasil no Iberismo de Juan Valera”, *Notandum*, Ano V, Nº 9, 2002, p. 23-28.

¹⁰ “Notas sobre a loucura quixotesca em *Quincas Borba*”, *International Studies on Law and Education* – 2, 1999, p. 59-68.

¹¹ *‘Cosas de España’ em Machado de Assis e outros temas hispano-americanos*, Giordano, 2000.

¹² Citação da revista. O artigo foi citado por Daniel Piza, *Machado de Assis: um gênio brasileiro*, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005 (cfr. “Bibliografia”, p. 374).

¹³ “Raíces medievales de una novela de Ariano Suassuna: breves reflexiones”, *International Studies on Law and Education*, 13/14, Nº 13/14, jan.-abr./maio-ago., 2013, p. 99-104; *Convenit Internacional*, Nº 18 maio-agosto, 2015, p. 05-10.

¹⁴ “Ecos del marianismo medieval ibérico en un auto de Ariano Suassuna”, *International Studies on Law and Education*, Nº 15, set.-dez., 2013, p. 47-54; *Convenit Internacional*, Nº 17, janeiro-abril, 2015, p. 05-12.

¹⁵ “Al margen del barroco brasileño: Imágenes sacras populares en São Paulo”, *Videtur*, 21, 2003, p. 45-50.

nossos escritores, dos tempos coloniais aos dias de hoje, com nomes como Murilo Mendes, Adélia Prado e o já citado Ariano Suassuna. Ainda há pouco, em 2015, quinto centenário de nascimento de Teresa de Jesus, a Embaixada Espanhola patrocinou livro sobre sua presença no Brasil, obra de que tive a honra de participar, tratando justamente de sua recepção em nossas letras¹⁶. Devo às publicações do CemOrOc, por outro lado, precioso espaço na tentativa de intensificar o diálogo dos hispanistas brasileiros com a escritora Teresa. Releio agora a pequena introdução à sua obra literária, texto nascido de meu trabalho em sala de aula¹⁷. Voltei a Teresa, em nossas revistas, para esboçar ideias sobre um tema que vem despertando sempre maior interesse entre nós: a questão do feminino na literatura¹⁸. Novamente propus a nossos leitores sua figura, desta vez procurando chamar a atenção para seu possível título como escritora de ficção (um dos pontos que desenvolvi em aula a ela dedicada, em concurso para titularidade na USP)¹⁹. Também ao colaborador de Teresa e mestre da mística do século XVI, Juan de la Cruz, pude reservar algumas de nossas páginas. Foram considerações inspiradas por um grande romance contemporâneo, *El Pájaro Solitario*, em que o autor, Juan Goytisolo, nos põe diante do que seria uma obra perdida do grande místico e poeta²⁰. Essas considerações depois vieram a formar parte de livro, publicado pelo CemOrOc e dedicado a vários momentos do diálogo entre as culturas de língua portuguesa e espanhola. Este livro, além de Juan de la Cruz e do tantas vezes lembrado Valera, também trata da figura literária da rainha-santa, Isabel de Aragão, tal qual a recriou o grande romancista português Vitorino Nemésio. Mas quem dá o nome ao livro é Teresa de Jesus, de quem se ocupam dois estudos iniciais, um deles comemorativo do Quinto Centenário da América e dedicado à presença americana na vida e obra de Teresa²¹.

Recordar este livro traz à memória outro, que devo também ao CemOrOc e que organizei com a Prof^a María Guadalupe Pedrero-Sánchez²². Trata-se de uma coletânea de lembranças de mulheres espanholas radicadas no Brasil, todas empenhadas em trazer à memória a Espanha que conheceram na infância, em anos ainda marcados pela Guerra Civil Espanhola e pelo franquismo. Esta obra, que fez parte da série especial de livros da revista *Notandum*, apareceu, mais tarde, também em edição espanhola²³.

¹⁶ *Santa Teresa de Ávila en Brasil* (edição bilingue), Embajada de España en Brasil, Rio de Janeiro, Secretaría General Técnica, 2015.

¹⁷ “Aproximação à obra literária de Santa Teresa de Jesus”, *Videtur-Letras* 5, 2002, p. 77-84.

¹⁸ “*Más que los letrados*: Reflexões sobre o feminino na criação literária de Teresa de Jesus”, *Videtur* 21, 2003, p. 5-9.

¹⁹ “*Hermoso y deleitoso castillo*: as *Moradas* de Teresa de Jesus”, *Mirandum*, Ano X, Nº 17, 2006, p. 5-16; este estudo apareceu também em espanhol: “Podéis entraros y pasearos: Teresa de Jesús y su castillo interior”, *Revista Internacional d’Humanitats*, Ano XII, Nº 15, jan.-abr., 2009, p. 23-34.

²⁰ “Metamorfoses Literárias de um *Pájaro Solitario*”, *Convenit Selecta-6*, 2001, p. 9-20.

²¹ *Memória e ficção: o Castelo de Teresa e outros temas ibero-americanos*, São Paulo, CemOrOc-EDF-FEUSP e Factash Editora, 2008.

²² María de la Concepción Piñero Valverde e María Guadalupe Pedrero-Sánchez (Orgs.), *Recordando no Brasil a Espanha de Ontem: Conversas Femininas*, São Paulo, CemOrOc-EDF-FEUSP e Editora Mandruvá, 2004 (Notandum Libro – 2).

²³ M^a Guadalupe Pedrero y Concha Piñero (Coords.), *Tejiendo recuerdos de la España de ayer*, Madrid, Narcea, 2006.

Mas folhear as páginas encerradas nas revistas coloridas deste “cantinho de prateleira” talvez me tenha feito esquecer que falar em “selfie” é falar em retrato rápido, instantâneo mesmo, ao passo que este já vai ficando mais próximo das fotografias antigas, de composição demorada. É tempo de concluir a releitura do que escrevi e de lançar o olhar para toda a vasta biblioteca, para reler páginas brilhantes de acadêmicos consagrados e queridos amigos. Amigos que espero reencontrar pessoalmente, para celebrar a alegria destes anos inesquecíveis de colaboração e convivência.

Pedro Garcez Ghirardi

“São Francisco de Assis e o Cântico das Criaturas”

[O autor foi agraciado com o prêmio Jabuti, em 2003, pela tradução de “Orlando Furioso” de Ariosto – Nota da Edit.]

(...) Revisitando os trabalhos antigos e mesmo os recentes, vejo quanto o passar do tempo se fez sentir: se fosse possível voltar atrás, mais de uma página ficaria no tinteiro (ou no teclado do computador); outras mostrariam sinais de retoques, ou *pentimenti*, para usar a linguagem da pintura de retratos.

Tentando repassar o percurso do que vim oferecendo às nossas revistas ao longo destes anos, procuro começar, então, pelo que esteja mais próximo, pelo que possa ter sofrido menos com a distância do tempo. Aqui logo me vem à lembrança a resenha a um notável livro, edição de 2015, sobre a presença no Brasil da figura de Teresa de Jesus²⁴. Mesmo esta resenha, publicada há poucos meses, pediria talvez retoques. Pode ser que conviesse dar maior espaço ao único reparo levantado, não ao conjunto da magnífica obra, mas a algumas de suas páginas introdutórias e históricas, por deixarem quase esquecida a primeira comunidade brasileira reunida sob o nome de Teresa de Jesus. O “quase” é mérito da menção feita no belo capítulo final, escrito pelas Carmelitas Descalças do Rio de Janeiro. Aquela comunidade precursora e quase esquecida, como lembrava a resenha, reafirmando algo bem sabido, era a reunida na São Paulo do século XVII, no Recolhimento de Santa Teresa. Deste veio o nome da tradicional Rua de Santa Teresa, muito depois endereço da Cúria Metropolitana e hoje praticamente tragada pelo canteiro de obras da expansão do metrô da capital paulista. Foi também esta resenha, se não me engano, a única que apresentei às nossas revistas: o mais foram artigos, em geral surgidos de pesquisa no campo das Letras e em especial da tradução. Um deles, que pela data mais antiga se contrapõe à resenha, confirma o acerto da observação machadiana: hoje, se reescrito, mostraria sinais de *pentimenti*. Falo de artigo que continha a tradução de um soneto de Vittoria Colonna, a extraordinária mulher do Renascimento, cantada por Ariosto e admirada por Michelangelo²⁵. Admirada ou, quem sabe, amada, pois,

²⁴ “Santa Teresa de Ávila en Brasil”. *Revista Internacional d’Humanitats*, 2016, p. 67-68.

²⁵ “Uma voz feminina na poesia do Renascimento”. *Mirandum*, 1999, p. 91-96.

se dermos crédito à fantasia de nosso grande parnasiano, o genial artista haveria desejado

“Morrer e renascer, ardente, moço, belo,
E, como o meu ‘Davi’, clarão de juventude,
Aparecer, sorrindo, a Vittoria Colonna!”²⁶.

Também aquele breve artigo falava de amor, mas do amor divino, que inspirou muitos versos de Vittoria. O texto se concentrava principalmente em sua lírica sacra e em sua atuação em prol da renovação da Igreja (foi esta atuação, para além de fantasias, que a aproximou de Michelangelo). Daí a escolha do soneto religioso para apresentar sua figura; daí também a tentativa de tradução que hoje talvez me levasse, passe o trocadilho, a atuar em prol de sua renovação.

Menos descontente me deixaria outro pequeno artigo, que assinala, no tempo, a metade do vintênio que celebramos. Também neste caso o texto incluía a tradução de um soneto que pode chamar-se de religioso, pois é obra em que o poeta agnóstico (que morreria suicida) se inspira na crença que deixara²⁷. O trabalho recordava o centenário da morte de Giovanni Camerana, autor a que os manuais de literatura italiana costumam dar lugar modesto. Por que, então, relembra-lo no Brasil? É que a poesia traduzida assumia para mim especial proximidade, por evocar um santuário mariano próximo dos Alpes do Piemonte, lugar querido de meus antepassados paternos. Enquanto escrevo estas linhas (em julho de 2016), para lá se dirigem piemonteses e descendentes do mundo todo, em peregrinação pelo Ano Santo. Relendo o que escrevi, quero longe reunir-me a eles.

Se a prece do poeta agnóstico pode surpreender, por outros motivos surpreenderia a de Carlos Magno, a saber, o Carlos Magno poético, recriado por Ariosto. A pesquisa do *Orlando Furioso* me vem ocupando ao longo destes anos: foi assim que surgiu a ideia de discorrer sobre o episódio em que, cercado por inimigos, o imperador se dirige quase como acusador a um Deus que parece omissivo. Isto é o que se expunha em outro breve artigo, que reproduzia também trecho de minha tradução do *Orlando Furioso*.²⁸ Por ser texto dos mais recentes, aqui os *pentimenti* não seriam tantos.

Estas colaborações, como se vê, trataram muitas vezes da presença do sagrado na literatura, uma das principais direções de minha pesquisa. Neste campo pode entrar ainda outro pequeno artigo, já antigo. Seu tema era o primeiro grande texto poético italiano: o *Cântico das Criaturas*, de São Francisco de Assis²⁹. O trabalho se limitava a fazer comentários ao original, sem tentar tradução. Passado o tempo, faria agora a tentativa? Não sei. É verdade que sua falta pode ter ocasionado a indesejável surpresa de me ver atribuídas na internet traduções do *Cântico* que nunca fiz. Apesar disto, acreditava então, e acredito ainda, ser difícilimo transpor o texto franciscano com

²⁶ Olavo Bilac, “Miguel Ângelo Velho” (*Tarde*). *Poesias*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1985, p. 194.

²⁷ “Lembrança de um Poeta: Giovanni Camerana”. *Mirandum*, 2006, p. 17-20.

²⁸ “Uma prece atrevida? Notas sobre a oração de Carlos Magno no *Orlando Furioso*. *International Studies on Law and Education*, 2012, p.105-110.

²⁹ “São Francisco de Assis e o ‘Cântico das Criaturas’”. *Videtur-Letras* 5, 2002, p. 15-20.

suficiente eficácia poética (sem discutir o mérito das traduções existentes e tampouco desconhecendo sua utilidade para estudos de história ou de teologia). O tempo, neste caso (possível exceção que confirma a regra) não trouxe tantas mudanças: ter deixado de traduzir a poesia de Francisco não entraria entre meus *pentimenti*. Se um dia entrar, espero sair-me um pouco melhor que as traduções que me atribuem.

Também não traduzi as poesias de Eugenio Montale, em estudo que lhe dediquei já no final desta segunda década de colaborações³⁰. Não traduzi, mas citei elogiadas traduções, que guiavam o pequeno ensaio dedicado às “ocasiões”, emblemáticas da obra do poeta. Mesmo assim, hoje, se voltasse ao texto, pode ser que ampliasse os comentários, para sublinhar “ocasiões” que em tradução talvez não fiquem tão claras. Por exemplo, na famosa poesia sem título que começa com os versos “*Pregava? Sí, pregava Sant’Antonio*”, a repetição inicial (“*Pregava?... pregava*”) é fundamental, não só pela sonoridade, mas pelo contexto narrativo (insinua-se um diálogo entre o poeta descrente e o padre burocrático, que o interroga sobre a prática religiosa da finada mulher). Não sei se a retomada crucial desta repetição fica suficientemente perceptível em “*Rezava? Sim, pedia a Santo Antônio*”. Retomada crucial, pois como outras recorrências do original, sugere a evocação da mulher ausente. Haja vista, ainda, a sonoridade do “*pregava*”, inicial, retomada no final com “*prete*”. Esta palavra, por sua vez, assume conotações negativas, burocráticas, ressaltadas pela posição de rima de fecho. Daí a relevância das rimas retomadas: a central, “*Ermete*”, no verso 4, e a de fecho, “*prete*” no verso 7. A estrutura expressa, assim, a “ocasião” poética da evocação saudosa, mas isto dificilmente se adivinha na transposição “*Rezava?... pedia*” (verso 1, que omite a repetição) e “*Hermes*” (verso 4) x “*padre*” (verso 7, com total omissão da rima). Enfim, sem debater o mérito da tradução citada, pode ser que comentários mais extensos tornassem mais clara a argumentação do artigo.

Para além da tradução e da poesia, nossas revistas me levaram a aventurar-me por outros temas de pesquisa³¹. Entre eles, um que sempre me interessou: o estudo da recepção de obras literárias (aliás, a própria tradução, como se sabe, é um dos mais notáveis exemplos de recepção). Só me detenho um pouco em alguns trabalhos, já relativamente distantes. De um seminário sobre as culturas do Oriente e do Ocidente surgiram páginas sobre o livro de viagens de Marco Polo, tal como relido em português no século XVII³². À mesma linha de pesquisa pertence outro artigo, sobre crônica do século XVII, relida, em diferentes perspectivas por dois grandes escritores, um contemporâneo do cronista, outro do século XIX³³. O mesmo foco se fez sentir em breve artigo, escrito em italiano, sobre um caso de

³⁰ “Poesia e diálogo: ‘ocasiões’ que resistem”. *International Studies on Law and Education* – 15, 2013, p. 71-80.

³¹ “Yeats as a reader of Italian Literature: some considerations”. *Notandum*, 2002, p. 33-36; “Palavras em mutação: a busca dos Paulistas e o achado de Pedro Taques”. *Videtur*, 2004, p. 5-10.

³² “O Relato de Marco Polo e a *Nova Floresta* de Bernardes”. *Notandum*, 2000, p. 9-18.

³³ “Leitores-escretores e a inesperada sobrevivência de uma crônica seiscentista”. *International Studies on Law and Education-18*, 2014, p. 69-72.

presença em Portugal do pensamento de Petrarca³⁴. Do pensamento, sublinho, pois sempre se lembra, com razão, a importância do petrarquismo poético, ao passo que pouco se fala sobre a o magistério do Petrarca pensador, sobre a recepção de seus tratados latinos, que alcançaram difusão em toda a Europa. Reescrito hoje, o artigo, talvez insistisse na necessidade de redescobrir o Petrarca filósofo³⁵.

Já me referi às pesquisas que tenho feito sobre o *Orlando Furioso*, de Ariosto. Delas derivaram, além do recente artigo já citado, dois outros, bem anteriores, publicados em nossas revistas, ambos em italiano. O primeiro deles tratava de algumas repercussões da “loucura” de Orlando no grande romance de Cervantes³⁶. O outro procurava trazer subsídios para o estudo da recepção do *Orlando Furioso* no Brasil³⁷. Hoje talvez acrescentasse a esses breves artigos parte das reflexões que publiquei fora do âmbito do nosso CemOrOc. Sobre Ariosto e Cervantes diria ainda algo do que apresentei como homenagem ao Quarto Centenário da primeira edição de *Dom Quixote*³⁸. Talvez acrescentasse a ambos os artigos de nossas revistas parte do ensaio “Gravuras, leituras, loucuras: visões do *Orlando Furioso*”³⁹.

Digo que talvez acrescentasse e não sei se faria bem. Pois relendo agora as contribuições que tive a honra de oferecer às revistas do CemOrOc, vejo que, se outras qualidades lhe tiverem faltado (como decerto faltaram), ao menos uma poderia afinal talvez servir de consolo. É que todos os artigos que escrevi foram, como se notou, “breves”, “pequenos”: terão ocupado, em média, cinco ou seis páginas. Esta contribuição comemorativa não quer ser exceção: se fosse além desses limites, abusaria da paciência de quem lê e provavelmente acabaria em futuros *pentimenti*. Só me resta, então, reafirmar o agradecimento por ter sido chamado a participar de nossas revistas e a alegria de estar agora unido às comemorações deste memorável vintênio.

Recebido para publicação em 07-01-21; aceito em 22-02-21

³⁴ “Note sulla Fortuna dei Trattati del Petrarca in un Testo Settecentista Portoghese”. *Videtur*-22, 2003, p. 27-30.

³⁵ Remeteria, por exemplo, ao que sobre ele escreve Kristeller (cfr. Paul Oskar Kristeller, *Eight philosophers of the Italian Renaissance* (1964), trad. em espanhol como *Ocho filósofos del Renacimiento Italiano* (Madrid e México, Fondo de Cultura Económica, 1970)

³⁶ “In margine a un giudizio di Cervantes:note sulle pazzia ariostesca”. *Convenit Selecta*-4, 2000, p. 13-18.

³⁷ “Ariosto in Brasile: cenni sulla fortuna dell’*Orlando Furioso*”. *Revista Internacional d’Humanitats*, 2001, p. 57-62.

³⁸ “*Iguales en amor con mal suceso*: Dom Quixote e Orlando Furioso”. *Revista USP*, 67 (2005), p. 304-308.

³⁹ O ensaio serve de introdução (p.7-23) à tradução do *Orlando Furioso*, de Ariosto. Ateliê Editorial e Editora Unicamp, 2011.